

Em “centro de macumba, católico não pisa”: o discurso religioso cristão como sustentação do racismo religioso

*"Catholics don't set foot in macumba centers": christian religious
discourse as a foundation for religious racism*

Daniel Santos Oliveira ¹ 

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar, considerando a intrínseca e indissociável relação entre língua(gem), sujeito, história e ideologia, os processos de significação que emergem do discurso enunciado pelo padre Frei Gilson, em 2025, o qual discursiviza religiões não católicas. Para isso, a fundamentação teórico-metodológica ancora-se na Análise de Discurso de perspectiva materialista, com ênfase em obras como: Florêncio *et al.* (2009), Magalhães (2003), Orlandi (2006, 2017 e 2020) e Pêcheux (2014a, 2014b e 2015). O dispositivo analítico visa responder às seguintes questões: 1 - Como o discurso de Frei Gilson discursiviza as crenças/religiões de matrizes africanas existentes no Brasil? 2 - Como a circulação desse discurso intervém na superação (ou não) do racismo religioso? O *corpus* foi constituído por transcrições de um vídeo postado no YouTube, cuja análise apontou o funcionamento de um complexo processo discursivo no qual a ideologia colonialista-racista segue reproduzindo efeitos.

Palavras-chave: Discurso religioso cristão católico. Ideologia. Racismo religioso.

ABSTRACT

Grounded in the intrinsic and inseparable relationship between language, subject, history, and ideology, this research aims to analyze the processes of signification emerging from the discourse produced by Friar Gilson, in 2025, regarding non-Catholic religions. To this end, the theoretical and methodological framework is anchored in Materialist Discourse Analysis, emphasizing the works of Florêncio *et al.* (2009), Magalhães (2003), Orlandi (2006, 2017, 2020), and Pêcheux (2014a, 2014b, 2015). The analytical framework addresses the following questions: 1) How does Friar Gilson's discourse discursively construct beliefs and religions of African origin in Brazil? 2) How does the circulation of this discourse affect the overcoming (or perpetuation) of religious racism? The *corpus* consists of transcripts from a YouTube video, the analysis of which reveals the workings of a complex discursive process wherein a colonialist-racist ideology continues to reproduce its effects.

Keywords: Catholic Christian Religious Discourse. Ideology. Religious racism.

¹ Doutor em Letras e Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Maceió/AL, Brasil. E-mail: oliveira.dan@outlook.com.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Hoje, no Brasil, podemos encontrar um vasto e alarmante quantitativo de notícias sobre ocorrências que materializam o racismo religioso. Dentro desse cenário tão triste quanto frequente, se elevou uma inquietante curiosidade em relação ao papel de, por exemplo, um líder religioso católico no combate e/ou enfrentamento dessa injustiça social. Por esse motivo, desenvolvemos esta investigação orientados pelas perguntas: 1 - como o discurso enunciado por Frei Gilson² discursiviza as crenças/religiões de matrizes africanas existentes no Brasil? 2 - como a circulação desse mesmo discurso intervém na superação (ou não) do racismo religioso?

Com o interesse em fomentar reflexões sobre a realidade brasileira e contribuir para o desdobramento dos estudos da/sobre a linguagem, construímos o *corpus* desta pesquisa a partir da transcrição de um vídeo publicado na plataforma digital *YouTube*, em 2025, no qual o padre católico Frei Gilson discorre sobre algumas religiões não católicas. Nosso objetivo é analisar, por meio de um constante batimento entre a teoria e o objeto, os processos de significação que emergem desse discurso, considerando a intrínseca e indissociável relação entre língua(gem), sujeito, história e ideologia.

Para isso, filiados à teoria e ao método da Análise de Discurso de perspectiva materialista, a partir de partes da obra de Michel Pêcheux e de Eni Puccinelli Orlandi, recorreremos a Florêncio *et al.* (2009), Orlandi (2017, 2020) e Pêcheux (2014a) para compreendermos os pressupostos a respeito do discurso, das condições de produção e do sujeito. Atentos à especificidade que engendra o *corpus* que selecionamos, mobilizamos Orlandi (2006, 2007) para fundamentarmos o estudo sobre o discurso religioso cristão. No que se refere à observação dos aspectos histórico-ideológicos que afetam a circulação e o funcionamento do racismo religioso, buscamos embasamento em Lima (2012), Miranda (2021) e Nascimento (2017).

2 QUESTÕES PARA A ANÁLISE DE DISCURSO: DISCURSO, DISCURSO RELIGIOSO CRISTÃO CATÓLICO E CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

A filiação à Análise de Discurso de perspectiva materialista proporciona a abertura de caminhos pelos quais a pesquisa é orientada e instrumentalizada através de um método (dialético) de análises e de uma teoria que fornece condições de investigarmos, discursivamente, "a língua, as línguas, as linguagens, os sentidos, os sujeitos, o mundo" (Orlandi, 2015, p. 12). Eis aí um complexo desafio no qual o discurso, tomado enquanto objeto, pode funcionar como um espaço de observação e de interpretação dos modos, político-ideologicamente afetados, de (re)produção, na/pela linguagem, dos sentidos ao longo da história da sociedade capitalista.

² O brasileiro Frei Gilson é um sacerdote católico pertencente à Congregação Carmelitas Mensageiros do Espírito Santo. Sendo também cantor e *influencer digital*, tem recebido intenso destaque na mídia pois, além de possuir mais de dez milhões de inscritos tanto em seu canal do *YouTube*, como na rede social *Instagram*, consegue reunir, de maneira remota/online (via lives), milhares de espectadores/as para a "Oração da Madrugada", também intitulada "Rosário da Madrugada". Esse extenso e expressivo alcance comunicacional nos levanta curiosidade a respeito daquilo que tem sido dito por esse (famoso) sujeito e justifica, na presente pesquisa, a escolha por tomarmos os posicionamentos (ou seja, os discursos) do Frei Gilson como objeto de análise. Para mais informações, sugerimos leitura da notícia: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2026/04/7401876-quem-e-frei-gilson-o-padre-que-arrasta-multidoes-na-internet.html>. Acesso em: 22 abr. 2026.

É fundamental explicitar que o termo discurso “não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B, mas de modo mais geral, de um ‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B” (Pêcheux, 2014a, p. 81). O referido autor entende que esses pontos A e B são sujeitos os quais, reproduzindo sentidos através da linguagem, mobilizam os processos discursivos ao fazerem funcionar posições que são imaginárias. Ou seja, a teoria da Análise de Discurso não se ocupa em refletir a respeito do sujeito bio-empírico, de carne e osso, pois trabalhamos com o pressuposto de que o sujeito é “discursivo [e] pensado como ‘posição’ entre outras. Não é uma forma de subjetividade, mas um ‘lugar’ que ocupa para ser sujeito do que diz” (Orlandi, 2020, p. 47).

De acordo com a citação anterior, o modo pelo qual o sujeito ocupa e faz funcionar essas posições, no/pelo (seu) discurso, está afetado por uma exterioridade que não lhe é transparente e/ou diretamente acessível. E, ao considerarmos essa noção de forma-sujeito, somos levados a entender a existência de aspectos históricos, linguísticos e psicanalíticos que, sob permanente inter-relação, além de nos afastarem da concepção de sujeito uno, consciente, dono de si e (origem) do seu dizer, realçam que “ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas” (Orlandi, 2020, p. 46).

Dentro da teoria da Análise de Discurso vinculada ao pensamento de Michel Pêcheux, de acordo com Oliveira (2022, p. 32), a reflexão a respeito do sujeito, especificamente os aspectos psicanalíticos, “se constitui pela específica abordagem teórica do/sobre o inconsciente que foi inaugurada por Sigmund Freud (1856 – 1939) e posteriormente desdobrada por Jacques Lacan (1901 – 1981)”. Sobre a articulação dessas teorias independentes, Orlandi (2017, p. 18) indica que “a Psicanálise pode ser tomada, na Análise de Discurso, como nos permitindo pensar o sujeito descentrado, ou seja, nos permite trabalhar um sujeito afetado pelo inconsciente, e constituído pela ideologia”.

Em razão disso, “forma-sujeito”, com base em Orlandi (2012a), foi a designação encontrada por Michel Pêcheux para, nos procedimentos de elaboração da (sua) Teoria do Discurso, trabalhar sob o entendimento de que o sujeito (discursivo) é sócio-histórico-ideologicamente determinado. E é justamente a perspectiva materialista, sob método dialético, que fomenta condições epistemológicas de questionarmos (para compreender) o modo pelo qual todo e qualquer discurso advém do “processo de sociabilidade em que o sujeito se autoconstrói, ou seja, se autodetermina na práxis social, enquanto ser que faz história [...]” (Sobrinho; Cavalcante, 2012, p. 92).

Para os mencionados autores, quando observamos a história como um dos aspectos constitutivos do sujeito, é importante explorarmos os efeitos desta complexa e contraditória relação: os sujeitos, interagindo socialmente, são constituídos na/pela história ao mesmo tempo em que também “fazem” essa mesma história no transcorrer das suas práticas (e lutas) sociais. É por isso que o discurso é uma “práxis humana que só pode ser compreendida a partir do entendimento das contradições sociais que possibilitaram a sua objetivação” (Magalhães, 2003, p. 75).

Entendemos, então, que a história, os sentidos e os discursos são resultantes das práticas (e dos conflitos) sociais, uma vez que “é no modo como os sujeitos produzem suas vidas que se estrutura a base da sociedade e se configura a subjetividade humana com os discursos e as práticas ideológicas” (Sobrinho; Cavalcante, 2012, p. 89). Para os autores, é através do assujeitamento à língua e da interpelação ideológica que o sujeito, não sendo abstrato nem isolado, se constitui em ser social-histórico e passa a existir e atuar na sociedade capitalista, bem como a sofrer os seus efeitos.

Em vista disso, para movimentarmos alguns gestos analíticos, teoricamente sustentados, a respeito do funcionamento da posição discursiva ocupada pelo sujeito que proferiu a afirmação "em centro de macumba, católico não pisa", é imprescindível prestarmos atenção em alguns cuidados: o referido fragmento, que integra o *corpus* organizado para este estudo, foi enunciado pelo padre católico Frei Gilson e publicizado no/pelo canal lochanan, na plataforma digital Youtube. É indispensável indicar que a mencionada plataforma (e rede social), sendo on-line e gratuita, disponibiliza seus conteúdos (vídeos, lives, Youtube Shorts, Vlogs etc.) em domínio público, liberando, dadas as devidas referências, o compartilhamento.

Nesse caso, indicar que tal fragmento foi dito pelo cantor, *influencer digital* e padre católico Frei Gilson, enquanto presidia uma ocasião solene e ritualizada denominada missa, busca incluir nas análises aquilo que nomearemos, com base em Orlandi (2012a), como *efeito de autoria* de um sujeito interpelado pelo discurso religioso cristão católico. Precisamos, deste ponto em diante, trabalhar com o pressuposto da/sobre a autoria considerando-a como uma tomada de posição (um específico modo de enunciar) frente às inúmeras outras possibilidades de eleger e/ou preterir palavras, sentenças, termos, ou quaisquer modos de nomear/designar as religiões não católicas.

De acordo com Pêcheux (2014b, p. 147), "as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam". Logo, essa tomada de posição, no/pelo discurso, à qual nos referimos, expõe indícios da autoria do sujeito em questão e será, nesta pesquisa, avaliada no funcionamento do "em centro de macumba, católico não pisa", tendo em vista que "não há, pois, discurso neutro ou inocente, uma vez que ao produzi-lo, o sujeito o faz a partir de um lugar social, de uma perspectiva ideológica, e assim, veicula valores, crenças, visões de mundo que representam os lugares sociais que ocupa" (Florêncio *et al*, 2009, p. 28).

Após entender que o sujeito discursivo é um lugar, posicionaremos no ponto A o próprio padre católico Frei Gilson, para compreendermos, através da análise do (seu) discurso, o funcionamento dessa específica posição-sujeito, na medida em que "no discurso religioso, em seu silêncio, 'o homem faz falar a voz de Deus'" (Orlandi, 2007, p. 28). Assim, constitui objetivo desta pesquisa examinar como os efeitos da autoria de um sujeito que, através da posição que ocupa, sendo legitimado pela Igreja Católica, faz falar a voz de Deus, contribuem (ou não) para a permanência, na/pela sociedade, de sentidos inclinados à segregação e à discriminação.

Também importa para esta reflexão realçar que no funcionamento do discurso religioso há "uma voz que se fala na outra da qual é representante" (Orlandi, 2006, p. 244). Vamos explorar essa citação dentro do nosso interesse: existe um mecanismo (um jogo) discursivo, afetado por formações imaginárias, que impele o ponto A, padre católico Frei Gilson, a reproduzir sentidos oscilando entre a voz de Deus e a sua própria voz. Tal percepção nos direciona a seguinte pergunta: como podemos interpretar e compreender os efeitos dessa variação de posições no/pelo (seu) discurso?

Possíveis respostas podem ser levantadas através da categoria de análise *condições de produção* que, nesta pesquisa, entenderemos como "as determinações que caracterizam um processo discursivo" (Pêcheux, 2014a, p. 182). Logo, para continuar o aprofundamento teórico, interpretamos o sentido de *determinações* sob dois vieses: de um lado, orientados por uma teoria não subjetivista da/sobre a subjetividade (Orlandi, 2020), investigar os aspectos constitutivos do sujeito (representante da voz de Deus) implica

considerá-lo como sócio-histórico-institucionalmente determinado, ou seja, assujeitado à língua, interpelado pela ideologia (cristã-católica) e atravessado pelo inconsciente.

Do outro lado, examinar as determinações que afetam as condições de produção dos discursos significa observar também o funcionamento das circunstâncias nas quais o discurso (tomado como *corpus*) foi (re)produzido durante uma missa e por um padre, considerando os efeitos tanto do sentido *amplo* como do sentido *estrito*. Isso porque, para a Análise de Discurso de perspectiva materialista, “o primeiro expressa as relações de produção, com sua carga sócio-histórico-ideológica; o segundo diz respeito às condições imediatas que engendram sua formulação” (Florêncio *et al.*, 2009, p. 67).

Considerando que “o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (Orlandi, 2020, p. 37), damos a ver que os processos de significação movimentados por “em centro de macumba, católico não pisa” estão, a partir do atravessamento do discurso religioso cristão católico, mobilizando uma memória (discursiva) muito anterior à formulação e a circulação dessa declaração. Aí está uma inicial reflexão sobre o sentido *amplo*: essa posição do padre, possuidor de autoridade diante dos sujeitos-fielis, está afetada por uma ideologia “que dissimula sua existência no interior mesmo do seu funcionamento, produzindo um tecido de evidências subjetivas, [...] ‘nas quais se constitui o sujeito’” (Pêcheux, 2014b, p. 139).

Nesse ponto, é importante explicar que acionamos a noção de discurso proposta por Pêcheux (2014a) para formular esta designação: *sujeito-fiel-católico*. A partir das análises (produzidas na seção intitulada “Procedimento de formulação e análise do *corpus*”), observamos que se trata do outro lado da interlocução, o ponto B, que, sendo participante da missa (o sentido *estrito* das condições de produção), também constitui a especificidade da natureza religiosa cerne do processo discursivo analisado por esta pesquisa.

Então, interpretando Pêcheux (2014b), entendemos que esse *apagamento do seu próprio funcionamento* é um efeito ideológico base-estrutural da constituição dos sujeitos, dos sentidos e, por conseguinte, dos discursos. Nesse caso, para Orlandi (2017), quando, fundamentados na/pela Análise de Discurso, trabalhamos com a noção discursiva de ideologia, buscamos interrogar como os sentidos (sobre a *macumba*, as religiões de matrizes africanas ou qualquer crença/devoção não pertencente à memória europeia-cristã-católica) são formulados e postos em circulação dentro de uma sociedade capitalista, politicamente oprimida e dividida pelas lutas de classes, pelas relações de força e de poder; é isso o que faremos na próxima seção.

3 QUESTÕES PARA A HISTÓRIA: FORMULAÇÃO (DO CONCEITO), CIRCULAÇÃO E MANUTENÇÃO DO RACISMO RELIGIOSO

A busca por uma bibliografia que permitisse a fundamentação da presente pesquisa lançou-nos diante de uma aparente similaridade entre os termos, por exemplo, “intolerância religiosa”, “discriminação religiosa”, “xenofobia religiosa”, “preconceito religioso” e/ou “racismo religioso”. Isso posto, adotar uma única formulação, para historicizar seu sentido, configura-se como uma deliberada tomada de posição dentre outras tantas possibilidades que, longe de elidir essa importante pluralidade, busca especificar esta investigação, respeitando a “precisão do que foi escolhido para a análise e interpretação da realidade” (Camurça; Rodrigues, 2022, p. 11).

De acordo com Miranda (2012), no Brasil, a designação "racismo religioso" irrompe e passa a circular, a partir de 2010, daquilo que a autora denomina como *ativismo dos movimentos negros*. Então, sempre considerando que os sentidos não se esgotam no imediato (Orlandi, 2020), vamos à observação dos eventos discursivos: em 2009, a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, do Governo Federal, organizou, em Brasília, a segunda Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial cuja finalidade era refletir a respeito dos desafios da implementação (e do constante ajuste) de políticas públicas voltadas à promoção da igualdade racial³.

Participaram do referido evento diversos/as líderes de religiões/comunidades de terreiros espalhados por todo o Brasil, dentre elas, as yalorixás Mãe Beata de Iemanjá e Makota Valdina, que afirmaram: "'não queremos ser toleradas! Queremos ser respeitadas!'. Nesse momento, a ideia de intolerância religiosa e seu enfrentamento pela promoção da tolerância se mostrava insuficiente ou inadequada para a perspectiva advogada por elas" (Nascimento, 2017, p. 55). Para o autor, quando exploramos (algumas das inúmeras) ocorrências de ataques, depredações e profanações incitadas pela violência que persegue a existência das religiões de matrizes africanas, percebemos que o racismo não é somente a fonte do desrespeito mencionado pelas yalorixás, mas é elemento estrutural da sociedade brasileira.

Partimos do seguinte entendimento:

O racismo pode ser definido como crenças na existência de raças superiores e inferiores. Dessa forma é passada a ideia de que por questões de pele e outros traços físicos, um grupo humano é considerado superior ao outro. Ao direcionar os argumentos racistas para as religiões, tem-se o racismo religioso, através do qual se discrimina uma religião (Lima, 2012, p. 9)⁴.

Assim, ao afirmar que em "centro de macumba, católico não pisa" mobiliza-se uma memória discursiva⁵ muito anterior ao aparecimento dessa afirmação (em 2025), estávamos nos referindo à retomada, no/pelo discurso, dessa memória afetada pela ideologia (que, no Brasil, já foi dominante) escravocrata, defensora da supremacia branca-cristã, em que a "forma de viver, as experiências africanas, são tidas como algo negativo" (Mendes, 2021, p. 1485). Percebemos, por meio dessa via de teorização, a existência de uma relação indissociável entre o racismo estrutural⁶ e o racismo religioso, pois as crenças/religiões filiadas às matrizes africanas, por exemplo, da Umbanda e do Candomblé, transcendem o conceito de (apenas) cultos/ritos religiosos sendo, na realidade, manifestações espirituais-materiais de um modo de vida negro (Nascimento, 2017).

É relevante salientar o carácter impiedoso e arbitrário sob o qual funcionam essa violência e esse ódio ao *modo de vida negro* pois, afetando quaisquer aspectos da sociedade, também podem ser vivenciados (sofridos) por pessoas não negras, uma vez que "mesmo pessoas brancas que vivenciem as tradições de matrizes africanas podem

³ Para maior detalhamento do referido evento, indicamos a leitura da notícia "II Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial", disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/ii-conferencia-nacional-de-promocao-da-igualdade-racial>. Acesso em: 7 out. 2025.

⁴ Nascimento (2017, p. 59) indica que "a primeira vez que a expressão 'racismo religioso' foi utilizada em texto acadêmico brasileiro foi em 2012 no Trabalho de Conclusão de Curso de Claudiene dos Santos Lima, no curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba". É a tal pesquisa que nos referimos ao mencionar Lima (2012).

⁵ Traremos com maior precisão a noção de memória discursiva na próxima seção.

⁶ Para maior aprofundamento do conceito de Racismo Estrutural, sugerimos leitura do livro homônimo, com autoria de Silvio Almeida, publicado, pela Editora Jandaíra, em 2019.

ser vítimas de um racismo originalmente destinado a elementos negros destas tradições" (Nascimento, 2017, p. 54).

Aí está, assim entendemos, a contextualização sócio-histórica sob a qual Miranda (2012) observou a formulação e a posterior circulação, no Brasil, da designação "racismo religioso". E, pela mesma via de reflexão, Camurça e Rodrigues (2022) avaliaram uma espécie de insuficiência do conceito de "intolerância religiosa", dado que, no funcionamento da sociedade brasileira, os ataques sistemáticos e orquestrados, de acordo com Costa e Sangenis (2021), sendo mais que demonstrações de intolerância, são efeitos de uma tradição de perseguição decorrente do racismo entranhado nos sujeitos e em instituições (sobretudo, religiosas conservadoras cristãs) que, sem inibição, nutrindo o fanatismo, estimulam a divisão e a exclusão.

É necessário sinalizar, porém, que essa percepção de insuficiência, que impulsiona o deslocamento de "intolerância religiosa" para "racismo religioso", enquanto categoria teórica de análise, ergue-se por procedimentos de ressignificação/atualização próprios às teorias que buscam compreender a realidade a partir da própria realidade. Desse modo, não é do nosso interesse negar, depreciar e/ou silenciar estudos filiados à noção de intolerância religiosa, mas avaliamos que essa nomenclatura "não recobre todas as nuances do fenômeno de ataque às tradições de matrizes africanas [...], além de deixar sem tematização o tema do racismo, que é estrutural em nossa sociedade" (Nascimento, 2017, p. 55).

Portanto, através desse caminho de escuta atenta àquilo que emerge do real da história, apreendemos que nos gestos de violência (contra sujeitos) e de profanação (contra terreiros/comunidades), que materializam o racismo religioso, existe um complexo funcionamento ideológico que relembra memórias de uma sociedade colonizada na qual sujeitos brancos, europeus (católicos?) protagonizaram a diáspora africana, a escravização e o genocídio de negros/as e indígenas (povos originários).

Esse processo de significação, mobilizado em 2025, de "em centro de macumba, católico não pisa" movimentou sentidos que acionam uma "liberdade sem limites [a qual] se apresenta sob a forma de discursos proselitistas que, em nome de Jesus, atacam diferentes grupos, violando direitos à diferença dos grupos minoritários?" (Miranda, 2021, p. 26). Então, considerando a Análise de Discurso como um instrumento de luta contra o domínio da ideologia dominante, os efeitos de evidência e de estabilização dos discursos voltados à exclusão e ao silenciamento dos grupos minoritários⁸, retornaremos, na próxima seção, ao desafio de interpretar (para compreender) o funcionamento, na/pela sociedade, do discurso religioso cristão católico, *corpus* desta pesquisa.

⁷ Nessa citação, chama-nos a atenção essa adjetivação proposta em "minoritários". Tal termo, comumente utilizado para caracterizar religiões de matrizes africanas, já pode se tornar objeto de estudo e de debate. Por exemplo, quais posições e/ou concepções político-ideológicas e quais memórias fundamentam, na sociedade brasileira, a (re)produção desse sentido de minoritário? Minoritário para quem? Minoritário em quais regiões do Brasil? São perguntas importantes que, mesmo não cabendo no presente trabalho, não podem mais passar despercebidas (ou, serem silenciadas) quando vemos que, por exemplo, o *Portal BBC News Brasil* noticiou, em 9 de agosto de 2024, que o Rio Grande do Sul é o estado brasileiro com maior porcentagem de filiados às religiões de matrizes africanas. Reportagem disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c06kd76587yo>. Acesso em: 10 out. 2025.

⁸ Sugerimos leitura do artigo "Ser diferente é ser diferente: a quem interessam as minorias?", disponível em: <https://www.univas.edu.br/docs/biblioteca/linguagensociedade.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2026.

4 PROCEDIMENTO DE FORMULAÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS

Para avançar na escrita, aprofundaremos a compreensão sobre o funcionamento do *corpus* sempre implicados em, "através de análises que gerem um batimento entre teoria e objeto, ultrapassar a superficialidade (efeito de evidência e totalidade) dos sentidos" (Oliveira; Cavalcante, 2025, p. 154). E, para explicitação do procedimento de formulação, importa dizer que a transcrição recuperada do vídeo do *Youtube* será enumerada em quatro fragmentos e receberá o título de *recorte discursivo* (doravante **RD**), pois, de acordo com Orlandi (1984, p. 14), "o recorte é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação".

Convém salientar que, antes da organização do *corpus*, dispomos de um critério: se nossas questões orientadoras são, 1 - como o discurso enunciado por Frei Gilson discursiviza as crenças/religiões de matrizes africanas existentes no Brasil? 2 – como a circulação desse mesmo discurso intervém na superação (ou não) do racismo religioso?; inevitavelmente precisamos ver e analisar posicionamentos de um sujeito validado (institucionalmente) a ocupar o lugar de líder/representante desse tipo de fé/devoção. Eis a fonte (e o sentido estrito) do *corpus*: extraímos os **RDs** do vídeo nomeado *Frei Gilson – católico não vai em centro espírita*, pertencente ao portal do *YouTube* denominado *lochanan*, que o publicizou fazendo destacamentos, edições, sínteses e/ou apagamentos.

Nesse caso, ao esmiuçar as condições sob as quais encontramos aquilo que tomamos como objeto de análise, não podemos preterir que, em relação a essa postagem do canal *lochanan*, no tratamento dado ao vídeo, existem priorizadas tomadas de posição tanto no gesto de denominar como também nos processos de edição para lançar uma espécie de *produto final* em domínio público. Esses procedimentos, portanto, atravessados por interesses de outros sujeitos, são anteriores à realização desta pesquisa e já afetam a composição e a descrição do *corpus* com o qual estamos trabalhando.

Dito isso, vejamos:

RD 1

Quantas vezes a pessoa está doente [...], aí, em vez de trazer para o padre, em vez de trazer para Igreja, em vez de trazer para oração, alguém fala assim, ó, conheço uma mulher ali, ela faz uma reza. E aí, você começa a levar o doente para a *macumbaria*, você começa a levar o doente para benzedeiros, você começa a levar o doente para centros espíritas (lochanan, 2025)⁹.

Retomando a pergunta de pesquisa número 1 (como o discurso enunciado por Frei Gilson discursiviza as crenças/religiões de matrizes africanas existentes no Brasil?), observamos que a discursivização de "macumbaria", "benzedeiros" e "centros espíritas" esboça sinais de uma contraditória inter-relação entre distintos sujeitos: de um lado, "você", o ponto B, o sujeito-fiel adepto à (e constituído pela) ideologia cristã-católica, está sendo admoestado por uma possível transgressão (poderíamos chamar também de pecado). E do outro, o "alguém" e "uma mulher", filiados às outras crenças religiosas não católicas, estão sendo discursivizados como responsáveis pelo aparente desvirtuamento/corrompimento do "você" que, influenciado e/ou coagido, passa a "levar o doente" para os lugares da "macumbaria", dos "benzedeiros" e/ou dos "centros espíritas".

No aqui-e-agora do dizer materializado no **RD 1**, esse sujeito padre católico, ponto A, que está, através do (seu) discurso, fazendo falar "a voz de Deus", mobiliza um processo

⁹ A fonte consultada não é paginada.

de significação no qual “macumbaria” e “benzedeiros” são direcionados ao lugar de engano¹⁰. Isso porque a afirmação “trazer para [mim que sou] o padre”, na qual se reproduz o sentido apropriado e desejado, está sendo contrariada e substituída pela locução prepositiva “em vez de” que, pondo os sujeitos-fiéis diante de inflexíveis dualidades certo-errado, virtude-pecado, céu-inferno, parece flertar com a ideologia dominante eurocêntrica-branca-cristã, defensora da existência de crenças e/ou rituais superiores e inferiores (Lima, 2012).

Tocar nessa questão do funcionamento ideológico atravessado no discurso religioso é, como apreendemos em Florêncio *et al.* (2009), explorar o sentido *amplo* das condições de produção. Então, dando continuidade à análise, interpretaremos que esse efeito de presentificação de uma memória (colonialista e racista) ocorre pelo funcionamento do *interdiscurso*, definido, na Análise de Discurso, como “o saber discursivo que faz com que, ao falarmos, nossas palavras façam sentido. Ela se constitui pelo já-dito que possibilita todo dizer” (Pêcheux, 2015, p. 58).

O referido autor entende o interdiscurso como uma memória irrepresentável, pois a fundamentação (ou seja, a possibilidade de existência) de todo e qualquer processo discursivo “reside no fato de que algo fala sempre antes em outro lugar e independentemente” (Pêcheux, 2014b, p. 149). Ou seja, podemos interpretar que no processo de significação mobilizado pelo (discurso do) ponto A, “a voz de Deus”, o racismo religioso está nutrindo os sentidos direcionados à “macumbaria” e “benzedeiros”; isso não se dá de forma inédita e/ou isolada, mas decorre de uma complexa e inerente relação da linguagem com toda a história da humanidade.

Logo, o racismo religioso, sendo a base estruturante do **RD 1**, instala uma cínica e violenta contradição: os sujeitos em B estão sendo divididos (discriminados?) como (de um lado) os que levam os doentes para “benzedeiros” e/ou “centros espíritas” (portanto, os maus católicos); e (do outro lado) como aqueles que não pisam em centro de macumba (logo, os bons católicos). Nesse caso, ao ultrapassarmos o efeito de evidência do **RD 1**, podemos considerar que “a voz de Deus” está, além de protegendo o funcionamento da ideologia colonialista e racista, impulsionando (no imaginário dos sujeitos em B) uma espécie de disputa/rivalidade que instaura cisões entre os próprios filiados à Igreja Católica.

Observemos o segundo fragmento:

RD 2

Levar um doente para um centro espírita é prejudicial. Ah, frei, mas eu fiquei sabendo que fulano de tal foi lá e recebeu a cura. Ok, o diabo também cura, viu? O diabo também cura para enganar. O diabo também cura para seduzir (lochanan, 2025).

Sabendo que Pêcheux (2014a) denomina como *objeto-referente* os conteúdos/assuntos dos discursos, entendemos que, na articulação do **RD 1** com o **RD 2**, existe uma troca do objeto o qual está sendo referido, mas permanência na mesma via de discursivização que ataca, descredibilizando, os credos não encaixados na ideologia conservadora-cristã-católica. Explicando: no **RD 2**, as referências diretas/explicitas às religiões de matrizes africanas, “macumbaria” e “benzedeiros”, dão lugar, por meio da equiparação, às crenças que possuem “centro espírita” e, nesse caso, o ponto A, para

¹⁰ Assim como indica Orlandi (2013a, p. 32), “é importante acentuar que, em minha análise, faço intervir a ideologia e o inconsciente. Não falo, portanto, de intenções, nem de atitudes. Mas de práxis discursiva”.

persuadir e assustar o ponto B, recupera do discurso documental cristão-católico a imagem do diabo que "cura para enganar".

De acordo com Oliveira (2022, p. 40), "os processos que levam à cristalização (estabilização) dos sentidos ocorrem por meio de efeitos das relações entre a inscrição da língua na história e a produção do discurso documental". No caso do funcionamento institucional da Igreja Católica, essa (ilusão de) estabilização tem-se corporificado, ao longo de mais de dois mil anos, através da atuação de discursos documentais como a Bíblia, o Catecismo e/ou as Cartas Encíclicas. Tais documentos oficiais, discursivizados pela própria Igreja como solenes/sagrados funcionam como a base estrutural-protetora de uma memória "que não esquece e [que] alimenta a ilusão da 'literalidade', [...] sustentada pelas instituições, lugares por onde circula o discurso documental" (Orlandi, 2013b, p. 4).

Em vista disso, o processo discursivo mobilizado por "levar um doente para um centro espírita é prejudicial", de acordo com Orlandi (2020), se inclina à monossemia e está afetado por um efeito parafrástico no qual "a voz de Deus" (no imaginário dos sujeitos-fiéis-católicos) reitera/retoma significações de outros espaços do dizer que, além de já estarem cristalizadas/sedimentadas pelo funcionamento da história e da instituição católica, estão guardadas e protegidas nos/pelos discursos documentais. Portanto, quando sujeitos, para legitimarem/validarem o (seu) discurso, acionam memórias institucionalizados, "realizam um trabalho de interpretação que direciona os sentidos, estabelecendo uma temporalidade e produzindo uma memória estabilizada" (Nunes, 2008, p. 82).

Refletindo sobre o imaginário dos sujeitos-fiéis-católicos a respeito do diabo, quais gestos de interpretação o ponto B pode movimentar a respeito do **RD 2**? Revisitando Lima (2012), Miranda (2021) e Nascimento (2017), notamos que a afirmação "levar um doente para um centro espírita é prejudicial", dita durante uma missa pela personificação da voz de Deus, coloca-se a serviço da perpetuação de uma ideologia que, preservada nesse discurso religioso, continua sustentando, na sociedade, a discriminação e a rejeição. Então, esse posicionamento do ponto A, ao determinar a presença do diabo em religiões não católicas, parece colocar a si e o ponto B dentro de um encadeamento histórico, um movimento de ir e vir da memória discursiva, na qual os sentidos "ecoam a escravidão, a colonização, o pejorativo não dito" (Orlandi, 2012b, p. 20).

Seguindo com a exploração do *corpus*:

RD 3

Quando as pessoas começam a recorrer a essas outras realidades, a vida começa andar para trás porque o diabo quer outras coisas. Com todo respeito a eles, mas católico não pisa em centro espírita [...]. Centro de macumba, católico não pisa. Centro de umbanda, católico não pisa [...] (Iochanan, 2025).

Nesse ínterim entre o dito (prejudicial, diabo também cura, vida começa a andar para trás) e o não-dito (colonização, escravização e extermínio de povos negros e/ou originários), no qual a corporificação da voz de Deus (re)produz sentidos a respeito das religiões que possuem centros "espírita", "de macumba" e "de umbanda", existe um importante funcionamento catequético: a consequência do "prejudicial" ato de "recorrer a essas outras realidades" vinculadas à cultura do modo de vida negro (Nascimento, 2017) é que a (sua) vida, sujeito-fiel-católico, começa a "andar para trás".

No **RD 3**, o uso do (pseudo)atenuante "com todo respeito a eles" parece tentar disfarçar a desinibição em gozar da posição (tanto empírica como discursiva) de líder religioso, padre, para afirmar que a "macumbaria" e o "centro espírita", além de serem

“prejudiciais” porque fazem a vida dos seus adeptos “andar para trás”, são também tradições religiosas atravessadas por um diabo “que cura para enganar”. Então, em qual sentido se inscreve o “todo respeito”? E quem são esses “eles”? Pela análise, estamos compreendendo que, nesse caso, a preposição “com” incide sobre a contradição desse complexo processo de significação: o “todo respeito” está sendo mobilizado para preencher esse discurso com vazio e com silêncio.

Para Pêcheux (2015), todo dizer silencia (e faz esquecer) outros possíveis e (ainda) não formulados dizeres. Ou seja, considerando que em toda afirmação existem negações, a alegação “em centro de macumba, católico não pisa”, ao ser enunciada naquelas condições de produção, empurra para o emudecimento do interdiscurso inúmeras outras informações sobre as religiões de matrizes africanas. Assim, o vazio realçado pelo “com todo respeito a eles” está na própria ausência do ato e/ou efeito de respeitar e na reprodução de interpretações que elevam o valor “prejudicial” e a atuação de um diabo que “cura [os doentes] para seduzir [a eles]”.

Portanto, “a eles” parece ser a forma encontrada para mencionar os sujeitos que não são constituídos, mas continuam sendo afetados (vitimados) pela ideologia colonialista-eurocêntrica-católica. Esses “eles”, diferentes do ponto A e do ponto B, quando doentes, recorrem a outras crenças, nas quais, como ratificado na discursivização no/do **RD 2** e **RD 3**, habita um diabo que, além de ilusoriamente curar, também “quer outras coisas”. Logo, “com todo respeito a eles” exime-se de demonstrar respeito (eis a significação vazia) e funciona como uma forma de antecipação pela qual o ponto A, protegendo a si e ao (seu) discurso, tenta blindar sua ideia de que “em centro de macumba, católico não pisa” de, por exemplo, eventuais acusações de racismo religioso.

Do mesmo modo, essa formulação “com todo respeito a eles” também parece tentar ocultar, pelo efeito de evidência de uma ocasião corriqueira (missas são celebradas todos os dias), o modo pelo qual “a voz de Deus” está sendo utilizada para sustentar, no próprio ritual da instituição religiosa cristã católica, um posicionamento que revela, publicamente, adesão à (e promoção da) ideologia base do racismo religioso. E, nos encaminhando para o final desta investigação, analisemos o último **RD**:

RD 4

Se a Igreja Católica não resolve teu problema, se a missa não resolve teu problema, se o Santíssimo Sacramento não resolve teu problema, não é outra coisa que vai resolver teu problema. [...]. Se resolver, foi uma resolução falsa, em breve você terá consequências (Iochanan, 2025).

Para explicitação desse complexo e contraditório processo discursivo, é necessário avaliarmos essa expansão do objeto-referente que desliza do específico sentido de *doença* para uma espécie de generalização denominada “teu problema”; e assim faremos, retomando a pergunta de pesquisa número 2: como a circulação desse discurso enunciado por Frei Gilson intervém na superação (ou não) do racismo religioso? Relembrando que, fundamentados na teoria discursiva materialista, consideramos que “todo discurso é resultado de uma intervenção do sujeito sobre um aspecto da realidade” (Florêncio *et al.*, 2009, p. 85), não podemos omitir a dimensão, o alcance e a potência da autoria do padre Frei Gilson, hoje, no Brasil.

O advento do digital na sociedade brasileira potencializa a difusão daquilo que tem sido dito por Frei Gilson e isso pode ser observado, por exemplo, no seu canal do YouTube,

onde existem mais de oito milhões de pessoas inscritas¹¹, ou na sua página do *Instagram*, onde constam mais de dez milhões de seguidores¹². Esses números, no que se refere ao funcionamento desses ambientes digitais, além de atualizarem e ressignificarem as formas de comunicação (e de pregação/evangelização/catequização), caracterizam a posição ocupada por Frei Gilson como, não exclusivamente, um sujeito interpelado pelo discurso religioso cristão católico, mas também um padre famoso, *digital influencer*, criador de conteúdo on-line e formador de opiniões.

Em todos os **RDs** analisados, "a voz de Deus" se inscreve nessas (e se apropria dessas) específicas condições de produção no/do digital para fazer com que, acionando e mobilizando a popularidade que afeta a posição do Frei Gilson, a abrangência do seu discurso rompa os limites empíricos de uma missa. Eis aí uma maneira, digitalmente compartilhada, de colaborar com as lutas de classes presentes na história da sociedade brasileira: dispor a fama (advinda das milhares de visualizações, curtidas e/ou compartilhamentos) a serviço da manutenção da ideologia conservadora eurocêntrica-cristã-colonialista-racista.

Em vista disso, consideramos que o autor do **RD 4**, discursiviza como divinos sentidos que são, na realidade, sócio-historicamente determinados. Para Pêcheux (2014b), a ideologia, ao mascarar seu próprio funcionamento no sujeito, produz um efeito de transparência da linguagem que apaga o caráter material do sentido, fornecendo ao sujeito "evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado 'queiram dizer o que realmente dizem'" (Pêcheux, 2014b, p. 146). Assim, nessa maneira pela qual "Igreja Católica", "missa" e "Santíssimo Sacramento" estão sendo discursivizados, a ideologia dominante-colonialista-racista empurra para o silenciamento/apagamento a possibilidade de religiões/crenças não católicas também possuírem rituais e/ou sacramentos igualmente significados, pelos seus adeptos, como caminhos de resolução e/ou salvação.

Portanto, entendemos que esse efeito ideológico de produção de evidências dos sentidos pode ser observado no **RD 4**. Por exemplo, ao sustentar que, exclusivamente, a "Igreja Católica", a "missa" e o "Santíssimo Sacramento" são capazes de "resolver teu problema", a "voz de Deus" não apenas reproduz a ideologia dominante-conservadora, mas atualiza e nutre o racismo religioso na sociedade brasileira, pois hierarquiza crenças (Lima, 2012) e interdita/invalida a legitimidade do Sagrado em religiões/crenças não católicas, naturalizando, desse modo, a discriminação e a exclusão como "vontade divina".

Assim como proposto por Orlandi (2013a) e Magalhães e Cavalcante (2007), nos inscrevemos em estudos da/sobre a linguagem para compreendermos os efeitos das práticas sociais concretas de determinados sujeitos, através da interpretação da (sua) práxis discursiva. Então, quando afirma que todo aquele que, ao sofrer por qualquer "problema", procurar e frequentar um local diferente da "Igreja Católica", receberá uma "resolução falsa" a qual trará "consequências", manifesta uma autoria (visualizada e acompanhada por milhões de pessoas), inclinada à não atualização dos sentidos (e da ideologia) os quais, na história brasileira, hostilizam as religiões que não são padronizadas pela "missa" e/ou pelo "Santíssimo Sacramento". Aí está a intervenção.

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/@FreiGilsonSomdoMonteOFICIAL>. Acesso em: 11 nov. 2025.

¹² Disponível em: https://www.instagram.com/freigilson_somdomonte/. Acesso em: 11 nov. 2025.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar os discursos que circulam na/pela sociedade insere o/a pesquisador/a em um difícil desafio que, no caso da presente investigação, ainda dispõe de um *corpus* delicado: o discurso religioso. Portanto, a fim de que seja possível a organização de algumas palavras para a apreensão de um razoável efeito de desfecho, é necessário asseverar que não desejamos encontrar (para punir) alguém que possa ser taxado como único culpado pela permanência e sustentação do racismo religioso no Brasil. Para Pêcheux (2014b), onde há dominação, há resistência. Por isso, entendemos que a escrita científica, teórico-cuidadosamente sustentada, precisa contribuir com a elevação e o adensamento intelectual do senso crítico e, em decorrência, com o fortalecimento dos insubordinados à ideologia dominante.

Desenvolver pesquisas fundamentados na/pela Análise de Discurso “implica, de modo incontornável, o fazer ciência e o fazer política” (Sobrinho, 2015, p. 38), assim, as análises do discurso religioso cristão católico, enunciado por um padre-celebridade, empreenderam-se, é importante dizer, por questões de engajamento e de tomada de posição frente às disparidades do mundo. Retomaremos, para concluir, as duas perguntas orientadoras para, considerando o nosso próprio percurso o qual permitiu o *corpus* falar por si mesmo, levantarmos algumas hipóteses, em primeiro gesto de desfecho, sobre como o discurso enunciado por Frei Gilson discursiviza as crenças/religiões de matrizes africanas existentes no Brasil.

Pois bem, nos recortes, as menções às religiões não católicas funcionaram por meio das escolhas lexicais “macumbaria”, “benzedeiros”, “diabo”, “outras realidades” e “resolução falsa”. Em todos esses casos, os processos de significação por elas movimentados, infelizmente, apontaram o efeito nocivo da predominância da renitente ideologia eurocêntrica-cristã-colonialista-racista: as sequelas dos mais de trezentos anos de escravização de pessoas¹³ extrapolam suas existências nos registros dos livros sobre a história nacional e continuam, em 2025, conseguindo encontrar ocorrências reais de retorno e rememoração por meio de sentidos que, dividindo a sociedade, promovem a aversão ao modo de vida negro (Nascimento, 2017).

Na análise dos recortes, vimos modos de discursivizar as religiões não católicas que, através de um perverso funcionamento ideológico, resistem às atualizações/ressignificações trazidas pela contemporaneidade e tendem a, por meio dos discursos que circulam livremente na/pela sociedade brasileira, manter abertas as feridas deixadas pela diáspora africana e pelo genocídio de negros/as e indígenas (povos originários). E, também, embasados pelo método da Análise de Discurso, quando ultrapassamos a evidência dos sentidos reproduzidos por “o diabo também cura para enganar” e/ou “em centro de macumba, católico não pisa”, compreendemos que essas declarações fazem ecoar uma tradição de perseguição, opressão e extermínio.

Em segundo (e último) gesto de desfecho, para explanarmos de que maneira a circulação do discurso aqui tomado como objeto de análise intervém na superação (ou não) do racismo religioso, reconhecemos nos recortes examinados o funcionamento de uma posição-sujeito (em constante diálogo com milhões de inscritos/seguidores) que contribui para a manutenção (e não o combate e/ou enfrentamento) da estrutura

¹³ Por volta de, apenas, 130 anos atrás, o pacto escravagista, no Brasil, foi submetido à ruptura. Sobre isso, sugerimos leitura da notícia disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/05/13/ha-131-anos-senadores-aprovavam-o-fim-da-escravidao-no-brasil>. Acesso em: 12 nov. 2025.

histórico-ideológica sob a qual o racismo religioso agride quaisquer aspectos do modo de vida negro (Nascimento, 2017).

REFERÊNCIAS

CAMURÇA, M.; RODRIGUES, O. S. O debate acerca das noções de "intolerância religiosa" e "racismo religioso" para a compreensão da violência contra as religiões afro-brasileiras. **Revista OQ**, ano 5, n. 6, p. 5-30, 2022.

COSTA, G. A.; SANGENIS, L. F. C. Neo Pentecostalismo, racismo religioso e intolerância religiosa: as religiões afro-brasileiras nas páginas dos jornais. In: SANTOS, I.; GINO, M. (org.). **História social da intolerância religiosa no Brasil: desafios na contemporaneidade**. [S. l.]: Kliné Editora, 2021. p. 1240-1518.

FLORÊNCIO, A. M. G. et al. **Análise do discurso: fundamentos e prática**. Maceió: EDUFAL, 2009.

IOCHANAN. **Frei Gilson – Católico não vai em centro espírita**. [S. l.: s. n.], 2025. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal lochanan. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0Rn_nHxlxoE. Acesso em: 26 set. 2025.

LIMA, C. S. **O racismo religioso na Paraíba**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2012.

MAGALHÃES, B. O sujeito do discurso: um diálogo possível e necessário. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, v. 3, número especial, p. 73-90, 2003. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/artic/e/view/247. Acesso em: 2 jun. 2026.

MAGALHÃES, B.; CAVALCANTE, M. S. A. O. História, consciência e inconsciente: o sujeito na Análise do Discurso. **Revista Leitura**, v. 2, n. 40, p. 131-144, 2007. DOI: <https://doi.org/10.28998/2317-9945.200740.131-144>. Acesso em: 2 jun. 2026.

MENDES, S. R. C. Notas sobre racismo religioso e o estado: controvérsias entre o público e o privado. In: SANTOS, I.; GINO, M. (org.). **História social da intolerância religiosa no Brasil: desafios na contemporaneidade**. [S. l.]: Kliné Editora, p. 1519-2323, 2021.

MIRANDA, A. P. M. A força de uma expressão: intolerância religiosa, conflitos e demandas por reconhecimento de direitos no Rio de Janeiro. In: COMUNICAÇÕES DO ISER, 66., 2012, [S. l.]. **Anais [...]**. [S. l.: s. n.], p. 60-73, 2012.

MIRANDA, A. P. M. A "política dos terreiros" contra o racismo religioso e as políticas "cristofascistas". **Revista Debates do NER**, n. 40, p. 17-54, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8136.120344>. Acesso em: 2 jun. 2026.

NASCIMENTO, W. F. O fenômeno do racismo religioso: desafios para os povos tradicionais de matrizes africanas. **Revista EIXO**, v. 6, n. 2, p. 51-56, 2017. DOI: <https://doi.org/10.19123/eixo.v6i2.515>. Acesso em: 2 jun. 2026.

NUNES, J. H. O discurso documental na História das Ideias Linguísticas e o caso dos Dicionários. **Alfa - Revista de Linguística**, v. 52, n.1, p. 81-100, 2008. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1468>. Acesso em: 2 jun. 2026.

OLIVEIRA, D. S.; CAVALCANTE, M. S. A. O. Entre a lei e o dogma: posições-sujeito do Papa Francisco sobre a homossexualidade. **Revista do GEL**, v. 21, n. 2, p. 151-174, 2025. DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v21i2.3733>. Acesso em: 21 out. 2025.

OLIVEIRA, D. S. **O discurso do Papa Francisco**: entre redes de memória e processos de atualização de sentidos. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística e Literatura) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 13. ed. Campinas: Pontes, 2020.

ORLANDI, E. P. **Eu, tu, ele** - Discurso e real da história. 2. ed. Campinas: Pontes, 2017.

ORLANDI, E. P. Ler Michel Pêcheux hoje. In: ORLANDI, E. P. (org.). **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Textos escolhidos por Eni Orlandi. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015. p. 11-20.

ORLANDI, E. P. Uma tautologia ou um embuste semântico-discursivo? Ainda a Propaganda de Estado: "país rico é país sem pobreza". In: PETRI, V.; DIAS, C. (org.). **Análise de Discurso em perspectiva**: teoria, método e análise. Santa Maria: UFSM, 2013a. p. 25-37.

ORLANDI, E. P. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. In.: DIAS, C. **Formas de mobilidade no espaço e-urbano**: sentido e materialidade digital [online]. Série e-urbano, vol. 2, 2013b. p. 3-20. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/>. Acesso em: 14 jan. 2026.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura**. 9. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012a.

ORLANDI, E. P. Sentidos em fuga: efeitos da polissemia e do silêncio. In: CARROZZA, G.; SANTOS, M.; SILVA, T. D. (org.). **Sujeito, sociedade, sentidos**. Campinas: RG Editora, 2012b. p. 11-27.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4. ed. 4. reimp. Campinas: Pontes, 2006.

ORLANDI, E. P. Recortar ou segmentar? In: ORLANDI, E. P. **Linguística**: questões e controvérsias. Série Estudos. Uberaba: Faculdades Integradas de Uberaba, 1984. p. 9-26

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania Mariani *et al.* 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014a. p. 59-158.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014b.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: PÊCHEUX, M. *et al.* **Papel da memória**. Tradução e introdução de José Horta Nunes. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015. p. 43-61.

SOBRINHO, H. F. da S. O analista de discurso e a práxis sócio-histórica: um gesto de

interpretação materialista e dialético. **Revista Conexão Letras**, v. 9, n. 12, p. 37-50, 2015. DOI: <https://doi.org/10.22456/2594-8962.55120>. Acesso em: 2 jun. 2026.

SOBRINHO, H. F. da S.; CAVALCANTE, M. do S. A. de O. Das questões fundantes do discurso à instância da política: uma síntese de múltiplas determinações. **Revista Leitura**, v. 2, n. 50, p. 83-108, 2012. DOI: <https://doi.org/10.28998/2317-9945.201250.83-108>. Acesso em: 2 jun. 2026.

Declaração de uso de IA

O autor declara que não utilizou ferramentas de Inteligência Artificial (IA) na produção deste artigo científico.

Agradecimentos

Agradeço aos pareceristas os quais avaliaram o trabalho e indicaram sugestões teórico-analíticas que aprimoraram o texto.

*Artigo recebido em: 12/03/2026
Artigo aprovado em: 29/04/2026
Artigo publicado em: 09/07/2026*

COMO CITAR

OLIVEIRA, D. S. Em "centro de macumba, católico não pisa": o discurso religioso cristão como sustentação do racismo religioso. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 15, p. 1-16, e02602, 2026.